



**O PRECONCEITO RACIAL E O TRAUMA DA ESCRAVIDÃO NO DISCURSO LITERÁRIO DE LÚÍS SILVA EM SUA OBRA *NEGROS EM CONTOS* (1996)**

**THE RACIAL PRECONCEPTION AND THE TRAUMA OF SLAVERY IN THE LITERARY SPEECH BY LÚÍS SILVA IN HIS WORK *BLACK IN TALES* (1996)**

Marcela da Silva<sup>1</sup>

Ricardo André Ferreira Martins<sup>2</sup>

Luciana Brito<sup>3</sup>

Recebido em: 02 jul. 2019

Aceito em: 30 nov. 2019.

DOI 10.26512/aguaviva.v4i3.25560

**RESUMO:** O presente estudo destina-se a analisar a obra *Negros em Contos* (1996), do autor afro-brasileiro Luiz Silva, cujo pseudônimo literário é Cuti, expondo o discurso de manifestações preconceituosas e traumáticas que suas narrações apresentam, demarcando momentos e situações de grande representatividade para a literatura afro-brasileira. Para essa análise utiliza-se, entre outros, elementos conceituais oriundos da teoria do trauma, em uma tarefa investigativa que confronta algumas obras que contenham o mesmo viés de sua escrita, com foco na problematização de uma população marginalizada, subestimada e humilhada. A pesquisa será realizada através de método bibliográfico, investigando fontes através de seu conteúdo histórico, cultural, social e étnico a fim de embasar a fundamentação teórica. A referência a sites e blogs sobre o ainda existente preconceito racial será realizada com o intuito comparativo e investigativo, a fim de observar se os mesmos termos ainda são utilizados para praticar intolerância.

**Palavras-chave:** Cuti. Preconceito; Afrodescendentes. Intolerância.

**ABSTRACT:** The present study aims to analyze the work *Negros em contos* [*Black in tales*] (1996) by Afro-Brazilian author Luiz Silva, whose literary pseudonym is Cuti, exposing the discourse of preconceived and traumatic manifestations that his narratives present, demarcating moments and situations of great representativeness for Afro-Brazilian literature. For this analysis we use, among others, conceptual elements derived from the theory of trauma, in an investigative task that confronts some works that contain the same bias of his writing, focusing on the problematization of a marginalized, underestimated and humiliated population. The research will be carried out through bibliographic method, investigating sources through its

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Campus de Jacarezinho. E-mail: [marceladasilva2203@gmail.com](mailto:marceladasilva2203@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Adjunto do Colegiado de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Campus de Jacarezinho. E-mail: [ricardo.martins@uenp.edu.br](mailto:ricardo.martins@uenp.edu.br)

<sup>3</sup> Professora Doutora Associada do Colegiado de Letras do Centro de Letras, Comunicação e Artes, Campus de Jacarezinho – Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). E-mail: [lbrito@uenp.edu.br](mailto:lbrito@uenp.edu.br)



content historical, cultural, social and ethnic content in order to base the theoretical foundation. The reference to websites and blogs about the still existing racial prejudice will be made for comparative and investigative purposes in order to see if the same terms are still used to practice intolerance.

**Keywords:** *Cuti*. Prejudgment. Afro-descendants. Intolerance.

## INTRODUÇÃO

Ao longo da história, grupos étnicos, tais como os indígenas e os negros, eram considerados inferiores e, para se conhecer a voz desses grupos, houve a necessidade do surgimento de escritores que conhecessem de perto a vivência, realidade e história dessas minorias. Segundo Bosi (2002, p. 263) essas minorias “ansiavam, em primeiro lugar, pelo acesso ao conhecimento”, pois a pobreza impossibilitava e excluía os grupos de um saber letrado, vivendo em uma sociedade que não valorizava as tradições orais das comunidades tradicionais, dificultando assim o surgimento de uma configuração dessa população em busca de sua identidade cultural. A cultura dos negros brasileiros foi tratada por muitos séculos como folclore de um grupo de descendentes de “ex-escravos”. Contudo, o crescimento expressivo dessas manifestações acaba por ser valorizado com o tempo, pois não se trata mais de um grupo minoritário e, para muito além disso, contribui efetivamente para a constituição da identidade cultural na literatura “afro-brasileira” ou “literatura negra”. O movimento literário negro partiu de “um conceito identitário que teve como princípios básicos norteadores: construir uma nova identidade negra; rejeitar a arte decalque dos modelos europeus e rebelar-se contra a política colonialista europeia” (FIGUEIREDO, 2010, p. 323).

Não se identificando como africanos e nem brancos, os escritores da literatura negra são enquadrados no preconceito difuso e, muitas vezes, institucionalizado, como brasileiros de segunda classe, com uma identificação parcial no cânone ocidental, praticantes de uma religião amplamente sincretizada, de modo que não lhes resta outra saída senão a rememoração dos vestígios de sua história e o resgate dos fragmentos de narrativas ancestrais para iniciarem um processo de redefinição identitária (CUTI, 2007). Essa identidade não é proposta como uma voz individual e isolada, pois o *eu* negro está profundamente ligado a sua comunidade:

Vocês me perguntam quem sou eu? Respondo: eu sou, primeiramente, o homem de uma comunidade historicamente situada, eu sou negro e isto é fundamental. Esta é a definição de minha identidade. Eu pertencço, pois, a uma historia. É uma afirmação de uma fidelidade. Em meu espírito não há lugar



para negação, é também a afirmação de uma solidariedade. Isto significa que me sinto solidário com todos os homens que lutam pela liberdade, com todos os homens que sofrem, e antes de todo com aqueles que mais sofreram e que foram frequentemente esquecidos, eu falo dos Negros (BERND, 1987, p. 65).

Zilá Bernd (1987) afirma que “poderão ser considerados como literatura negra aqueles textos em que houver o eu enunciador que quer ser negro, que reivindica a sua especificidade negra” (BERND, 1987, p. 16) e ainda “será negra a literatura feita por negros ou descendentes de negros reveladora de ideologias que se caracterizam por uma certa especificidade” ou “será negra a arte literária feita por quem quer que seja, desde que reveladora de dimensões peculiares aos negros ou a seus descendentes” (BERND, 1987, p. 17).

Nesse sentido, a obra que iremos analisar tem como autor Luiz Silva, mais conhecido como Cuti, a qual contribui para a redescoberta e afirmação do “eu-negro” em suas narrações do livro *Negros em Contos* (1996). Nessa obra em particular, Cuti apresenta uma abordagem que tenta aliviar e ressignificar a dor causada pelos eventos pós-traumáticos resultantes da escravidão. Cuti foi um dos fundadores e membro do coletivo cultural *Quilombohoje-Literatura*, de 1983 a 1994, e um dos criadores e mantenedores da série *Cadernos Negros*, de 1978 a 1993. Seus contos fazem uma denúncia da intolerância preconceituosa e racista que delimita a imagem dos afrodescendentes brasileiros, e são um instrumento de conscientização crítica que propõe a literariedade negra ao cenário da literatura brasileira, buscando assim reconhecer a oposição entre brancos e negros existente na sociedade, tentando nortear uma superação desse conflito, apesar da miscigenação existente e da visão marginalizada do negro ainda imperar no contexto social. Mesmo com sua contribuição na cultura brasileira e em outros âmbitos, os afro-brasileiros ainda são avaliados sob uma ótica racista. Em suas breves narrações, Cuti mostra como o discurso preconceituoso perpetua-se na vida social dos negros e seus descendentes.

A partir também do viés psicanalítico de Sigmund Freud (1976), utiliza-se a definição de trauma como uma ferida na memória, uma excitação vinda de fora, suficientemente poderosa, capaz de atravessar o escudo protetor do aparelho psíquico. Sendo assim, esta ferida causaria uma repetição de evento traumático referido: o processo de colonização e escravidão sofrido pelos negros no passado, o qual atravessa as culturas e gerações, estas últimas em um esforço de superação contínua do trauma. Essa superação se faz com a exteriorização de sua dor, com o intuito de refazer sua história e buscar a sua identidade. Ainda segundo Freud, é como se esses indivíduos não tivessem findado a situação traumática, “como se ainda estivessem enfrentando-a como tarefa imediata ainda não executada” (FREUD, 1976, p. 325).



Então percebemos que, na literatura, os escritores negros se empenham na tentativa de expressar em um meio artístico as suas aflições, angústias e traumas oriundos do preconceito.

Para Walter Benjamin (1987, p. 269), a narrativa tem um poder de cura, “o relato que o paciente faz no início do tratamento pode se tornar o começo do processo curativo”. Benjamin trabalha com a hipótese de que a narração formaria um clima propício e a condição favorável para tais curas, fazendo com que as *short stories*, escritas por Cuti, sejam vistas com o “objetivo de fazer com que elementos da experiência dos protagonistas que, a princípio, são estranhos, misteriosos e ameaçadores, passem a ser compreendidos de forma sistemática” (CALEGARI, 2010, p. 102).

A partir da abordagem teórica proposta, percebe-se que várias obras da literatura negra ou afrobrasileira apresentam a mesma temática proposta por Cuti, como, por exemplo, no conto “Boneca” (CUTI, 1996, p. 11-13), que estabelece uma conformidade com o conto *Negrinha* (LOBATO, 2001, p. 20-24). Duas obras, portanto, que expressam o enraizamento da discriminação e do preconceito racial em pleno século XX, marcando a desigualdade desde a infância. Ainda podemos correlacionar os contos a obras como *Casa grande e senzala* (1933), de Gilberto Freyre, para confrontar a hiperssexualização e exotificação dos negros. Nas narrações de Cuti, essa relação de intertextualidade nos permite uma abordagem significativa quanto a várias obras com a mesma temática dos contos, complementando assim o trabalho proposto com uma grande representatividade da literatura negra. Para estabelecermos um parâmetro de comparação dos contos narrados com a veracidade contida na teoria do trauma, segundo Freud (1976), e também para realizar uma contextualização do estudo produzido, propondo uma complementação de informações, foi realizado o acesso ao site *Geledés*, a fim de coletar relatos verídicos que se assemelham aos recortes utilizados nas análises.

### **O discurso literário de Cuti e a manifestação do trauma através do preconceito racial**

A obra do escritor afro-brasileiro Luís Silva, também conhecido pelo seu pseudônimo Cuti, particularmente o livro *Negros em contos*, publicado em 1996, é extremamente ilustrativo no que concerne ao trauma ou angústia pós-traumática da escravidão na sociedade brasileira. O autor, no seu rol de atividades como professor, intelectual, acadêmico, pesquisador, poeta, prosador, tem uma lista de obras profícua e ampla (*Batuque de tocais* [1982], poemas; *Suspensão* [1983], teatro; *A pelada peluda no Largo da Bola* [1988], novela juvenil; ... *E disse*



*o velho militante José Correia Leite* [1992], memórias, em coautoria com o próprio José Correia Leite, personagem e narrador do relato), além de textos em diversas antologias.

Um de seus contos mais emblemáticos é “Lembrança das lições”, vigésimo primeiro do livro *Negros em contos*. Neste conto em particular, o protagonista elabora uma narração, sempre em primeira pessoa, de suas experiências e memórias da infância, articulando-as a acontecimentos atuais de sua existência, em termos comparativos. O conto é atravessado por um expressivo tom de perturbação, perplexidade, deixando à mostra o trauma que os afrodescendentes brasileiros suportam em razão de sua condição histórica de marginalidade, preconceito, violência e inaceitação na sociedade brasileira. Como estratégia, o autor e o narrador ancoram o passado ao presente imediato, demonstrando assim a vinculação psíquica e histórica de fatos remotos do passado histórico do país com o momento presente. A situação é ainda mais emblemática para o personagem principal, Joel, porque a situação traumática surge em meio às aulas de História, particularmente no momento em que a professora acerca-se da escravidão no Brasil e o contexto histórico que a gerou, dando uma explicação que suprime toda a dor e a violência do fato nefasto e inaceitável da escravidão do homem pelo homem. Nessa situação, a cada martelada da professora no tema, a psique do protagonista é ativada de forma dolorosa, fazendo-o transpirar muita inquietação, ansiedade, desconforto, inadequação, sintomas que apontam para a interpretação de que o passado, tanto individual quanto o coletivo, ainda não foi examinado a fundo pela consciência que narra. Portanto, é o sintoma de um estresse pós-traumático, desconhecido pelo personagem-narrador:

A palavra escravidão vem como um tapa e os olhos de quase todos os moleques da classe estilingam um não sei o quê muito estranho em cima de mim. [...] Um calor esquentame o rosto e umas lágrimas abaixam-me a cabeça para que ninguém as veja.

[...] A cada palavra de seu discurso, pressinto uma nova avalanche de insultos contra mim e contra um “eu” mais amplo, que abraça meus iguais na escola e estende-se pelas ruas, envolvendo muitas pessoas, sobretudo meus pais (SILVA, 1996, p. 108).

Todos os sintomas do personagem são bem claros: na primeira frase, o personagem expõe a percepção que tem dos demais colegas no tocante à escravidão. Desta forma, a sua inquietação e desconforto são aspectos resultantes de um estresse traumático associado à história coletiva de seu grupo étnico, trazido à força e sob grilhões para o território brasileiro, como animais. Com a angústia e o estresse traumático à tona, o sujeito da narrativa manifesta uma enorme incapacidade de verbalizar a dor e a violência que o atravessa e fulmina, através



de um sentimento indescritível, associado à sensação de que seus colegas, informados de sua condição afrodescendente, em função da injuriosa escravidão de seus ancestrais, lançam-lhe um olhar de reprovação, apiedados pela sua condição de espoliado, o que provoca mais dor e humilhação ao protagonista. Assim, fica ressaltada a sua condição de marginalizado, excluído, de inferioridade social perante os demais, que se julgam menos conspurcados pelo fato de não se reconhecerem como afrodescendentes, apesar da patente miscigenação de nossa sociedade. O personagem afrodescendente, em meio a essa situação, sente o peso e a cobrança de um passado histórico e de uma dívida que não é sua, seu desconforto, angústia e inquietação são cicatrizes e feridas pungentes na memória, ainda não “curadas”, ainda vivas, presentes em toda a população afrodescendente brasileira, em maior ou menor escala de dor e violência. Os exemplos de preconceito, violência e dor em nossa sociedade, perpetrados contra os nossos afrodescendentes, tornaram-se a rotina dos relatos e traumas vividos diariamente em nosso país por todos eles. Os nossos afrodescendentes sentem-se inferiorizados, envergonhados, violentados e ridicularizados em razão até do relato histórico oficial, que minimiza, muitas vezes, o violento e cruel processo de dor e espoliação a que foram submetidos, e continuam a sê-lo. Dessa forma, o trauma da escravidão e do preconceito racial torna-se visível e palpável, uma vez que estabelece uma profunda ligação entre os afrodescendentes brasileiros.

Assim, a aula de História, que deveria ser um momento de reflexão, cura e purgação da memória coletiva, em que a sociedade revisa os seus momentos traumáticos para encontrar, através do processo narrativo, um alívio psicoterápico, torna-se para o protagonista, e, portanto, para toda a população afro-brasileira, uma tortura explícita quando o assunto é escravidão. Em tais condições, é natural que o personagem deseje a expurgação de seu sentimento ignóbil:

*Os NEGROS ESCRAVOS eram vendidos como CARNE VERDE, peças, desprovidos de qualquer humanidade. Eram humildes e não conheciam a civilização. Vinham porque o Brasil precisava de...? Vejamos quem é que vai responder...*

Tremo, encolhido, dolorido diante da possibilidade de ser chamado. Meu coração bate na vertical e meus intestinos se revoltam. Saio apressado da sala, sem pedir licença. Chego à privada em tempo.

Defeco o desespero das entranhas.

Olho as paredes e a porta do cubículo rabiscadas, procurando espaço. Contenho, com bastante esforço, um choro que me vem insistente para afogar o mundo. Limpo-me com um pedaço de jornal, não sujo de todo, e fico ainda sentado sobre o vaso branco, pensando, vagando como um prisioneiro perpétuo. A cor do vaso sanitário desperta-me tramas. Primeiro levanto-me e chuto-o com a sola do sapato, depois sou levado pelo vento das imagens, das ideias **...ponho fogo na escola... veada filha da puta... papel de caderno debaixo da mesa dela... como a bunda de todo branquinho... acendo**





**fósforo... quem me xingar de neguinho... são tudo veado... vou comprar um canivete... dou porrada mesmo!...** E a porta passa a me servir de lousa: *...branco caga no meio...*, acho graça das coisas que escrevo e continuo (SILVA, 1996, p. 109. Grifos do autor.).

Contos como este, portanto, assim como toda uma literatura escrita por afro-brasileiros, trazem à tona a problemática dos traumas subjacentes e ainda não resolvidos à história da nação brasileira. De qualquer modo, o passado vinculado à escravidão ainda é um elemento candente em nossa sociedade, definidor das condições de vida dos afrodescendentes no presente. Com a discriminação, a existência torna-se caracterizada pelo trauma, pela rejeição, pela violência, pela espoliação, pelo desrespeito, pela humilhação. A criminalidade torna-se então uma permanente sedução e possibilidade para aqueles que desejam o revide para tanta agressão e dor. Dessa forma, as políticas públicas no sentido de ações afirmativas e inclusivas exigem ainda que os processos de inclusão de nossos afrodescendentes sejam revisados em todas as suas etapas, particularmente através de uma permanente revisão e reflexão da constituição histórica brasileira, em todas as suas etapas, a fim de mensurar a verdadeira importância dos afrodescendentes em nossa sociedade e resgatar a dívida social imposta a todos com a cultura da escravidão. É necessário que os afrodescendentes conheçam a possibilidade de purgação do passado que o conto de Luís Silva aponta: “Porta e paredes rabiscadas já não adiantam nada. Já nem servem mais ao desabafo” (SILVA, 1996, p. 112).

Dentre as várias temáticas principais encontradas nas narrativas do autor, vê-se no conto “Boneca” a busca pela representatividade e ainda o preconceito racial que privilegia os brancos e menospreza e discrimina os negros perante a sociedade. No conto em questão, ficamos diante da busca de um pai pelo presente de Natal que sua filha deseja, uma boneca negra: “Queira nos desculpar... A fábrica não fornece, sabe...” (SILVA, 1996, p. 11). A partir daí se mostra com clareza o despreparo da sociedade diante da procura por um referencial negro: “Olha que gracinha esta aqui de olhos azuis! É novidade. Chegou ontem e já vendeu quase tudo” (SILVA, 1996, p. 11). Esse tipo de fala é comum no conto, pois o personagem se depara com essas situações que demonstram o privilégio social do homem branco. As atendentes, todas brancas, procuram mostrar ao cliente apenas os objetos de sua preferência étnica. Em alguns trechos percebe-se o carinho das funcionárias com as bonecas brancas, principalmente com a “ruivinha de tom amarelado, bem clarinha” (SILVA, op. cit.), apresentando assim uma narrativa explícita de como o branco é muito mais aceito na sociedade.

Por mais impossível que pudesse parecer, o personagem, após uma busca incessante, finalmente encontra o produto. Porém, a fala que marca o fato é discriminatória e vexatória:



- O senhor desculpe a demora e o transtorno. Mas, não foi nada. O importante é que encontramos o produto. Está em falta, sabe... Eles não entregam. Eu mesmo encomendei na semana passada. Mas o representante disse que a firma está exportando para a África. Está certo, mas aqui também tem freguês que procura, não é? O senhor é brasileiro?

- Sim.

- Então... o homem engoliu a frase e preparou a nota (SILVA, 1996, p. 12).

A discriminação e o preconceito, portanto, estão explícitos no fato do proprietário propor que o objeto que o cliente procura só tem um comércio frequente na África, onde seria o local em que a população teria mais “afinidade” ou demanda comercial em relação à boneca de feições negras. Assim, a busca de um brinquedo com essa característica no Brasil se torna um transtorno para as atendedoras e um momento de constrangimento e humilhação para o personagem, mostrando como a sociedade não está preparada para lidar com aquilo que julga como diferente do “habitual” ou do socialmente aceito, embora a população afro-brasileira seja expressivamente numerosa no país. Para confrontar o fato da discriminação, deixando em foco a infância negra, vamos comparar o conto de Cuti com o conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato.

Nessa narração, uma órfã, nascida na senzala, de mãe escravizada, passa a ser criada por uma senhora dona da fazenda e, nas mãos dessa, sofre todos os tipos de castigos, torturas e humilhações. Uma criança de sete anos que teve a infância roubada por conta do preconceito da senhora, que ficou responsável por sua criação. Esta, inconformada com o fim da escravidão, desconta as suas frustrações e descontentamentos com esse fato na criança. A abordagem realizada não tem ligação com o enredo do conto, e sim com a passagem que mostra o contato de *Negrinha* com a sua infância. No caso do conto, quando a menina brinca de boneca pela primeira vez.

Ao receber a visita das sobrinhas de dona Inácia, dona da fazenda, *Negrinha* ficou extasiada, nunca vira um cavalo de pau e muito menos “uma criancinha de cabelos amarelos... que falava mamã... que dormia...” (LOBATO, 2001, p. 79). A percepção de vida e infância da menina se contrapõe de maneira tão explícita a sua realidade, que *Negrinha* vai definhando e morre em sua esteirinha, rodeada de “bonecas, todas louras, de olhos azuis” (LOBATO, 2001, p. 83). Uma criança negra não era considerada criança na época em que se passa o conto de Lobato. Na obra de Cuti, por mais que exista esse acesso, é visível a dificuldade na busca pela representatividade. Gilberto Freyre, em sua obra *Ordem e progresso* (1974), exemplifica o culto às bonecas louras e de olhos azuis entre as meninas da gente mais abastada do Império, pois





existe uma permanência do arianismo que desenvolve a idealização eugenista de crianças louras que se parecessem com as bonecas francesas.

Walter Benjamin (1985) explica que a criança pode manter a liberdade de aceitar ou rejeitar um brinquedo. Porém, de certo modo, isso será imposto às crianças como um objeto de culto. É a imaginação que fará com que esses objetos se transformem em brinquedos, o que não é uma necessidade infantil, mas os adultos que fabricam e comercializam o ideal de infância, e, sendo assim, pregam a sua ideologia, valores e privilégios. Em ambos os contos observa-se uma desigualdade social especificamente marcada desde a infância, pois os mesmos direitos não são iguais para negros e brancos, demonstrando assim que o espaço reservado à afrodescendência foi sempre restrito, em nome de um historicismo não maculado pela escravidão.

Em alguns contos, Cuti aborda uma temática que é o resultado de uma mistura de religiões, devido à colonização do homem branco. No conto “Cochicho”, podemos observar a marca que essa mistura causou em José:

Ao ser dominado o homem já fizera a sua última vítima: uma carijó bem nutrida, que ainda batia as asas no chão, com o punhal varando-a. Ao todo dez galinhas e um galo. Marina e os filhos, debaixo da mesa, amordaçados pelo pânico. José espumava, respingando sangue, balbuciando trechos bíblicos e esotéricos (SILVA, 1996, p. 17).

O catolicismo foi imposto aos africanos escravizados, desde a sua chegada ao Brasil. É do passado que advém essa mistura de religiões. Nina Rodrigues, em seu artigo publicado na *Revista Brasileira*, edição de 1897, com o título de “Ilusões da Catechese”, narra diversas situações onde rituais claramente ligados ao candomblé são feitos com uso de elementos ligados ao catolicismo, principalmente a ligação de santos a orixás, não sendo demarcado somente como manifestações católicas, mas também como um sinal da eficácia da catequese na conversão afrodescendente. Porém, essa mistura de crenças é vista como uma afronta ao catolicismo. Arthur Ramos em sua obra *O negro brasileiro* (1934), recolhe falas recorrentes da época para marcar a discriminação religiosa:

Lá estava, repimpendo, ridículo o santo Homulu, deus da bexiga, e outros respeitáveis, tais como S. João, S. Jorge, etc. Oxalá também se encontrava naquele antro de perversão e ignomínia, em que se respirava uma atmosfera de nojo e asco, de repugnância e mal estar. Cabaças, cuias, velas acesas, todos os apetrechos ignóbeis da seita bárbara enchiam o quarto e lhe emprestavam um aspecto infernal (RAMOS, 2001, p. 115).



Um exemplo claro de intolerância religiosa que mostra o tipo de atitude que marca a relação da religião católica, a qual dispõe de uma porcentagem maior da população em relação à religiosidade afro-brasileira, passa uma ideia de que essas práticas seriam uma afronta aos bons costumes e, por isso, deveriam ser extirpadas. Segundo Ricardo Mariano (2007), podemos sintetizar a longa história de perseguição à religiosidade de matriz africana no seguinte texto:

Nesse período, as gigantescas diferenças de tamanho, status e legitimidade dos grupos religiosos existentes no país também contribuíram para manter a mais completa marginalização dos cultos afro-brasileiros. Isto é, *o predomínio esmagador da Igreja Católica, a elevada influencia católica sobre diversos agentes do alto escalão do Estado (não obstante a separação jurídica entre Igreja e Estado), a limita a liberdade religiosa exercida por umbanda e candomblé*, a fragilidade inicial a do pluralismo religioso e da própria democracia nacional constituíram o pano de fundo social, político, e religioso que possibilitou a manutenção tardia da discriminação, da marginalização e até da perseguição policial e religiosa dos cultos afro-brasileiros (MARIANO, 2007, p. 127. Grifo nosso).

Existe ainda um conflito religioso pessoal, que pode ser observado no conto “Avenidas”, no qual um jovem negro, que expressa a dúvida que o catolicismo lhe causa, mantém um contato direto com os querubins, sem entender muito bem o porquê dessa relação, já que não via como dissipar as “enormes sacolas de dúvidas adolescentes a carregar” (SILVA, 1996, p. 76):

Os querubins, muito solícitos, voltavam carregando minhas novas dúvidas ao Paraíso. Certa vez os confundi com passarinhos e acertei um deles, com uma pedra, bem na cabeça. Disse-me palavras ásperas do Apocalipse. Tremi nas bases e prometi emendar-me lendo mais a Bíblia. Assim que ele virou a bunda, abri meu gibizinho de sacanagem (SILVA, 1996, p. 76).

Isso mostra uma crença imposta pela sociedade, fazendo com o que os seus usos e costumes tentem moldar a identidade dos afro-brasileiros. Na obra *Questão de Pele*, (2009), de Luiz Rufatto, essa estranheza da religião do colonizador fica marcada na frase do escravo Mahommah, quando a este é imposto por seus donos um ritual que o personagem desconhece:

Ele era católico, e fazia regularmente orações com a família... nós todos tínhamos que nos ajoelhar diante delas; a família na frente e os escravos atrás. Fomos obrigados a entoar algumas palavras cujo significado não sabíamos. Também tínhamos que fazer o sinal da cruz algumas vezes (RUFATTO, 2009, p. 211).



O confronto entre as religiões, no conto de Cuti, se dá no momento em que o jovem, ao qual não é dado um nome e nem características, é surpreendido ao se deparar com um galo preto, que lhe pede ajuda:

*Vem cá!*

Assustado, fui. Afinal, era um patricio estrebuchado no meio-fio. Perguntei ao me aproximar:

*Que foi?*

De pernas amarradas com fita preta e vermelha, o pescoço quebrado, a ave respondeu apenas:

*Me leva até lá*, apontando-me o cruzamento das duas grandes avenidas da minha vida, com um movimento dificultoso de uma asa partida.

Esperei por mais palavras. Nada. Em seu silêncio havia um corte muito profundo. Encobri o meu titubeio com um sorriso amarelo e verde. Olhei para os lados. Ninguém passava. E era meio-dia em ponto!... Naquele horário o *rush* não permitiu sequer ouvir o grito de uma vítima de meu trânsito emocional. Mas, tudo era deserto. Não estranhei tanto. A solidão é uma brisa que veio chegando aos poucos, trazendo luz (SILVA, 1996, p.77. Grifos do autor.).

A cena descrita na narração é facilmente associada às religiões afrodescendentes: um cenário incorporado à cultura religiosa afro-brasileira que sofre com a intolerância, vitimando as crenças de matriz africana. Segundo os dados do Censo de 2010 sobre religião, foi contabilizada uma mudança de porcentagem significativa no campo religioso brasileiro:

Entre 1980 e 2010, os católicos declinaram de 89,2% para 64,6% da população, queda de 24,6 pontos percentuais, os evangélicos saltaram de 6,6% para 22%, acréscimo de 15,6 pontos, enquanto os sem religião expandiram-se num ritmo ainda mais espetacular: quintuplicaram de tamanho, indo de 1,6% para 8.1%, aumento de 6,5 pontos. O conjunto das outras religiões (incluindo espíritas e cultos afro-brasileiros) dobrou de tamanho, passando de 2,5% para 5%. De 1980 para cá, portanto, prosperou a diversificação da pertença religiosa e da religiosidade no Brasil, mas se manteve praticamente intocado seu caráter esmagadoramente cristão (MARIANO, 2013, p. 119).

Por mais significativa que seja essa mudança dos grupos religiosos, ainda observa-se conflitos identificáveis nos casos de discriminação à religiosidade afro-brasileira. Os embates ocorridos devido a essa diversidade suscitam polêmicas de várias ordens, “inclusive pelas características de como essas religiões ora se aproximam, ora se distanciam em suas práticas ritualísticas, cosmovisões e a formas de organização” (SILVA, 2007, p. 316). Para o personagem da narração, o ritual que presencia é uma fonte para a compreensão de sua



ancestralidade: “Eu, seguro em suas pernas, fui trazido para este lugar de paz, livre de anjos e nossos senhores. É o céu de mim mesmo que eu tanto desconhecia” (SILVA, 1996, p. 78).

Ainda questionando o tema da religiosidade, vemos no conto “O batismo” o protagonista Paulino gerando uma desordem no ambiente familiar devido ao fato de não concordar com o batizado do sobrinho. Ele os enfrenta dizendo que estão negando suas origens:

Ouviram todos vocês? Eu acabo de dizer, com este exemplo nas mãos, da quebra da nossa identidade negra. Ouçam o nome do meu adorado sobrinho: Luizinho... Já não chega o sobrenome Oliveira? Luiz é nome de qual ancestral? Refere-se a qual matriz cultural? E, minha gente, o nome é de origem francesa. Significa defensor do povo... (SILVA, 1996, p. 42).

Paulino não concorda com o batizado, com o fato dos padrinhos serem brancos e com a falta de comprometimento da família em prol das causas da raça. Sendo assim, ele se vê na obrigação de “reivindicar o direito a identidade cultural” (SILVA, 1996, p. 43), e tenta exemplificar aos demais o motivo de sua revolta: “A nossa religião nunca vai iniciar nenhuma criança. A gente tá se destruindo!” (SILVA, 1996, p. 43), impondo assim a sua luta pela preservação de suas raízes e tradições. O propósito da análise desse conto é contrapor as opiniões; da mesma maneira que as religiões afro-brasileiras procuram firmar suas celebrações herdadas da África, o catolicismo busca ainda catequizar essa matriz cultural.

Quando se fala de estética negra, Cuti exemplifica o descontentamento da mulher com os seus traços físicos, o que torna quase impossível não se referir a cabelos:

Mágoas passadas acionam o impulso de Zuleica. É bonita e se orgulha de ter conseguido um perfeito alisamento dos cabelos. Desenvolvera o cacoete de jogá-los para trás. Adora dias de muito vento. Sentia um incômodo ao ver mulheres com seus cabelos naturais. A onda de cabelo black fustigara Zuleica na sua vaidade. Várias vezes expressara-se contra: *Eu, hein!... Usar cabelo picumã? Eu não!...* (SILVA, 1996, p. 44. Grifos do autor.)

Este trecho evidencia qual seria o padrão de beleza estética aceitável na época, colocando o cabelo crespo, que é uma herança das origens africanas, fora do modelo valorizado. Neusa Batista Pinto, em sua obra infanto-juvenil *Cabelo Ruim* (2007), afirma que:

[...] estigmatizado, o cabelo crespo foi por muito tempo classificado como “inadequado” em favor do padrão de beleza geralmente branco ditado pela moda e perseguido principalmente pelas mulheres. O bonito é o liso. O crespo é o “outro”, o “diferente” (PINTO, 2007, p. 07).



Esse estigma persegue várias personagens na obra de Cuti: “*É Ednardo, agora ela está assumindo a identidade da raça. Não alisa mais o cabelo. Ficou melhor, não ficou?* - adiantou-se o mestre, fingindo um entusiasmo” (SILVA, 1996, p. 90. Grifos do autor). O fato é que alisar os cabelos não torna uma mulher menos negra, do ponto de vista da consciência de raça. Porém, a problematização em questão é o preconceito e discriminação que sofreram devido à influência de espaços sociais que são diretamente ligados aos padrões que beneficiavam aqueles com a estética mais próxima da estética branca. No conto “Incidente na Raiz”, a protagonista Jussara não se identifica como uma jovem negra. Devido a isso, recorre a vários tratamentos estéticos para tentar se encaixar nos padrões de beleza que julgava “adequados”:

Jussara pensa que é branca. Nunca lhe disseram o contrário. Nem o cartório. No cabelo crespo deu um jeito. Produto químico e fim! Ficou esvoaçante e submetido diariamente a uma drástica auditoria no couro cabeludo para evitar que as raízes pusessem as manguinhas de fora. Qualquer indício, munia-se de pasta alisante, ferro e outros que tais e... O nariz, já não havia nenhuma esperança de eficácia no método de prendê-lo com pregador de roupa durante horas por dia. A prática materna não dera certo em sua infância. Pelo contrário, tinha-lhe provocado algumas contusões de vasos sanguíneos. Agora, já moça, suas narinas voavam mais livremente ao impulso da respiração. Detestava tirar fotografias frontais. Preferia de perfil, uma forma paliativa, enquanto sonhava e fazia economias para realizar operação plástica. E os lábios? Na tentativa de esconder-lhes a carnosidade, adquirira um cacoete – já apontado por amigos e namorados (sempre brancos) – de mantê-los dentro da boca. Sobre a pele, naturalmente bronzeada, muito creme e pó para clarear. Lá um dia, veio alguém com a notícia de “alisamento permanente”. Era passar o produto nos cabelos uma só vez e pronto, livrava-se de ficar de olho nas raízes. Um gringo qualquer inventara a tal fórmula. Cobrava caro, mas garantia o serviço. Segundo diziam, a substância alisava a nascente dos pêlos. Jussara deixou-se influenciar. Fez um sacrifício nas economias, protelou o sonho da plástica e submeteu-se. Com as queimaduras químicas na cabeça, foi internada às pressas, depois de alguns espasmos e desmaios.

Na manhã seguinte, ao abrir com dificuldade os olhos, no leito de hospital, um enfermeiro crioulo perguntou-lhe:

- Tá melhor, nêga?

Ela desmaiou de novo (SILVA, 1996, p. 118).

Existe enraizada uma negação quanto à condição da própria identidade. Para Gomes (2008), essa negação advém de um processo, que se alonga perante os séculos, na caracterização dos negros. Desde o início, a relação estabelecida no Brasil era de exploração e objetificação através do regime escravocrata. Isso recriminou as características físicas e preferências individuais, estabelecendo uma homogeneidade entre os povos de várias etnias. A construção da imagem do negro tinha uma influência social que partia da visão do homem branco, pregando uma ideologia de sociedade dominante. Desde então, esses processos estéticos voltados ao



padrão branco de beleza foram se aprimorando e, conseqüentemente, atraindo cada vez mais adeptos. Na narrativa, a protagonista tem o desejo de se enquadrar nesses critérios. Percebe-se um conceito discriminatório com a própria identidade, vindo de um complexo de inferioridade que foi imposto a ela desde a infância, quando a mãe apertava-lhe o nariz com o prendedor. Sendo assim, Jussara não nega esforços para tentar minimizar os traços, que a mesma não aceita de sua etnia/raça, tornando assim o conceito de Taylor (1994) pertinente à situação:

[A identidade] designa algo que se assemelha à percepção que as pessoas têm de si mesmas e das características fundamentais que as definem como seres humanos. A tese é que nossa identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento ou pela ausência dele, ou ainda pela má percepção que os outros tem dela [...]. O não reconhecimento ou reconhecimento inadequado pode prejudicar e construir uma forma e opressão, aprisionando certas pessoas em um modo de ser falso, deformado ou reduzido (TAYLOR *apud* FIGUEIREDO, 2010, p. 189- 190).

Em 1966, com a formação do grupo revolucionário americano *Os Panteras Negras*, obteve-se um salto na evolução do empoderamento estético negro. Tratava-se de um grupo armado, que lutava contra a opressão sofrida pelos negros. Uma das presidentes e ativistas do movimento, Kathellen Cleaver, fez um dos discursos que mais repercutiu perante a sociedade, para o uso dos cabelos naturais:

Esse irmão aqui, eu mesma, todos nós nascemos com nossos cabelos assim e simplesmente usamos desse jeito porque é natural. Você poderia dizer que a razão para isso é uma nova consciência entre as pessoas negras de que sua própria aparência física natural é bonita e agradável. Por tantos anos, nos disseram que apenas pessoas brancas eram atraentes, que somente cabelos lisos, olhos claros e pele clara eram bonitos, então as mulheres negras faziam de tudo – alisar seus cabelos, clarear a pele – para se parecerem o máximo possível com mulheres brancas. Isso mudou porque as pessoas negras estão conscientes. As pessoas brancas também estão, porque as pessoas brancas agora querem perucas naturais desse jeito. Você gosta? Não é bonito? (CLEAVER, 1968, s/p).

A aceitação da estética negra vem se desenvolvendo de maneira crescente desde então. As páginas, blogs e sites de empoderamento da beleza negra têm hoje um acesso constante. Aliás, nunca se buscou tantas informações sobre o cabelo crespo e cacheado no Brasil quanto no ano de 2017. Segundo o portal *O Globo*, o crescimento alcançou a marca de 309% em relação aos anos anteriores. Informações foram divulgadas pelo *Google BrandLab* de São Paulo. Segundo Amanda Sadi, gerente de *insights* da página, “um dos principais fatores que





contribuíram nas buscas por cabelos cacheados foi o discurso de empoderamento feminino e de aceitação da própria beleza” (SADI *apud* BARROS, 2017).

Dando continuidade, portanto, à abordagem focada nas personagens femininas dos contos, é necessário também realizar uma análise a respeito da hiperssexualização da mulher negra, representada como portadora de uma sexualidade exagerada, como também sobre o machismo que sofrem por isso. No conto “Desencontro”, ficamos diante da história de Pedro, um homem em um casamento insatisfatório sexualmente, e que se encanta com um recado presente em uma seção de cartas da revista *Prazer Café*:

Amor delicia discreta. Sou jovem e bonita. Detesto escândalos amorosos. Gostaria de me relacionar com um homem de meia idade que soubesse fazer amor sem pressa. Minhas ancas dão quebranto. *Mulata recatada* (SILVA, 1996, p. 19).

O recado fica marcado na mente do protagonista, devido a sua intenção explicitamente sexual. Adelaide, responsável pela publicação, passa a ser um objeto de desejo para Pedro, que inclusive chega a lhe escrever um bilhete, que por fim não é enviado. Porém, o que fica explícito é o interesse do personagem, pelo fato da carta ser assinada por *Mulata Recatada*. Duarte (2009), em sua obra *Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade*, utiliza os seguintes argumentos para exemplificar o teor depreciativo do termo:

[...] condição de corpo disponível [que] vai marcar a condição literária da mulata: animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e as artimanhas e trejeitos da sedução. Via de regra desgarrada da família, sem pai nem mãe, e destinada ao prazer isento de compromissos, a mulata construída pela literatura brasileira tem sua configuração marcada pelo signo da *mulier fornicaria* (sic) da tradição europeia, ser noturno e carnal, avatar e meretriz (DUARTE, 2009, p.06, grifos do autor.).

No conto de Cuti, a representação de Adelaide como mulher independente, por morar sozinha e propor um relacionamento descompromissado em uma revista, se encaixa na fala de Duarte, ainda que em outro conto essa mesma independência é proposta como uma desculpa para que esse pré-julgamento seja aceito com uma abordagem machista:

Maria Inês era solteira. Nos seus 44 anos aparentava menos, bem menos. Governanta de família tradicional, havia conseguido boas vantagens, dentre as quais residir fora do emprego alguns dias da semana, além de um salário razoável. O apartamento que morava era pequeno, porém satisfatório para a



inexpressividade de seus compromissos e móveis. [...] Mas, como se relacionara sexualmente com alguns poucos homens, era motivo de algum disse-que-disse (SILVA, 1996, p. 93).

“Vitória na noite” é um conto com várias temáticas preconceituosas inclusas. As falas que se referem à Maria Inês são sempre depreciativas: “Você, como governanta, pelo padrão de vida, está ganhando de muita gente com título universitário” (SILVA, 1996, p. 94). Trata-se de uma personagem que apresenta certo grau de estabilidade financeira, intelectual, afinal é autora de um livro, e independente, mas o que é representado é um estereótipo da mulher negra instituída como sensual, rebaixada socialmente e moralmente, subalterna, zoomorfizada no imaginário brasileiro. Segundo Jarid Arraes (2013), esses são obstáculos para as mulheres negras brasileiras, um empecilho constante e cruel para a conquista do crescimento profissional e a ocupação de lugares de relevância na sociedade.

Tanto no conto “Desencontro” quanto em “Vitória da Noite” estão contidos os fatores do machismo e da solidão da mulher negra. Em relação ao machismo, vê-se a relação de posse que os personagens masculinos têm sobre os femininos, quando aparece algum suposto amante ou parceiro das protagonistas no enredo:

Explodi:

*Vai me explicar, sua puta! Que negócio é esse de Mulata Recatada? Quem é esse tal de Lúcio?*

Eu agitava o envelope ainda fechado. Estava transtornado. Vociferei e, após tantos outros impropérios meus, saí, esmagando na porta seu quase gemido:

*Eu não sei, eu não sei de nada...* (SILVA, 1996, p. 24. Grifos do autor.).

Lembrando que o que conquistou Pedro na carta foi o pseudônimo *Mulata Recatada*, mas não foi assim que se conheceram na realidade. Em um encontro casual no clube que ambos frequentavam, deu-se a discrepância, acentuada pelo fato de que Pedro não aceita que a mulher que ele está envolvido seja a mesma pela qual ele demonstrou tanto interesse na revista, em mais uma ironia que marca o machismo:

*Oh, Ednardo!* atacou com voz em veemência trêmula.

*Você está aí, rapaz? É uma pena que eu já estou de saída. Andei me sentindo mal e Maria Inês me socorreu...* Tossiu, deu a mão para Maria Inês, balançou a cabeça ao poeta.

*Doutor Mendes, o senhor vai sair a essa hora? Já passa da meia-noite.*

*Tomo um taxi, Maria Inês! Tomo um taxi,* respondeu rispidamente (SILVA, 1996, p. 100. Grifos do autor.).



O professor Mendes deixa claro o descontentamento com o fato de Maria Inês estar recebendo uma visita masculina no meio da noite. Conforme Santos (2014, p. 61), esse machismo marcado pela relação possessiva deve-se “ao sistema escravocrata brasileiro, que fez com que os homens brancos vissem na relação sexual forte lucro, devido à procriação, e, além disso, concebessem a mulher negra/mulata como sua posse, tal qual as terras da colônia”, assim gerando uma condição favorável ao pensamento machista e escravocrata, que é demonstrado nos contos, o qual ainda persiste na realidade sociocultural. Ainda em outras obras pode-se perceber como essa prática se estabeleceu e é acometida com certa naturalidade. De acordo com Passos (2014), o que favorecia essa cultura de dominação é que não era vista como estupro ou violação para o escravizador, já que os escravos eram bens móveis sub-humanos, que não possuíam direitos humanos e eram considerados coisas, propriedades.

O homem negro também tem sua porcentagem de objetificação. Estereotipado como alto, corpulento, bem dotado e de excessivo vigor sexual, não era aceito como um amante modesto, como é descrito no conto “O Dito pelo Dito Benedito”:

mas apareceu uma louquinha para experimentar você, não foi? Perguntou. queria o queijo ou a rosa-dela. respondi: era uma tábua, meio quadrada. não dava pra mastigar. não valia a pena. e também se mandou, depois de analisar minhas qualidades literárias e comparar às dos africanos. ela sonhava grandezas. acho que decepcionou, e deve ter dado pane em seu sistema de medida (SILVA, 1996, p. 132).

A projeção sobre a pele negra impõe um conjunto de regras. Um membro com as medidas do protagonista não seria digno de reconhecimento ou atenção. Segundo a etnógrafa negra norte-americana Yaba Blay (*apud* RIBEIRO, 2017), isso se trata de uma herança escravagista, que alimenta um seguimento de mitos e estereótipos que naturalizam essa necessidade de validação sexual, propondo ao negro que esse seria o seu privilégio e o desencoraja de discutir sobre a discriminação e outros abusos que são vitimados a mais de quinhentos anos. Essa discriminação também fica exposta na estranheza causada pelas relações inter-raciais. Quando se trata de um país de formação escravista, o assunto se torna polêmico e sempre sendo discutido.

Apontando a definição de trauma descrita por Freud (1976b), vê-se o quanto uma experiência traumática reflete nas gerações futuras e ainda culmina na realidade que o indivíduo vive “como se ainda estivesse enfrentando-a como tarefa imediata ainda não executada” (p. 325). No conto *Preto no Branco*, de Cuti, o personagem Betão sofre com o preconceito da



família de sua namorada Marli. O relacionamento não é bem aceito, visto que ele é negro e ela branca, e o medo de passar por situações de constrangimento é concentrado no conto, como é possível observar ao longo do seguinte trecho:

*É isso, Betão, vai naquela onda de que amor é cego e no fundo, no fundo, está mais é querendo abraçar uma princesa Isabel. Toda garra de crioulo consciente vai pras as cucuias.*

*Oooooo, Baltazar, vai devagar, pega macio. Não exagera. Não é bem assim..., replicou ele sem muita convicção. E acrescentou: Você é meu camarada, meu irmão de longa data. Não vai achar que eu estou de otário na parada, vai?*

Mas, é melhor você se confundir um pouco agora do que se foder depois. Sabe como é que são esses brancos quando dão pra humilhar a gente! Esse negócio de racismo funde a cuca de qualquer um. Lembra do Elias? Ficou lambendo tanto a mina que ganhou um par de chifre e ainda foi xingado de macaco. Quis sair na porrada e acabou sendo grampeado (SILVA, 1996, p. 35. Grifos do autor.).

Mesmo sem convicção no relacionamento, Betão investia nele, procurava se relacionar bem com os pais da namorada, mas o preconceito dominante vinha de Rubinho, irmão de Marli, que não aceitava a relação, e que, mesmo após uma tentativa de homicídio e uma acusação infundada contra o protagonista, não conseguiu evitar o casamento. Segundo Edward Telles (2008), há um grande número de casamentos inter-raciais no Brasil. Porém, como exemplifica no seu livro *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica* (2008), cinco em cada seis dessas uniões tem o cônjuge negro com um status socioeconômico superior. Ainda de acordo com o autor, são indivíduos que estão em uma posição de superioridade social, educacional e financeira, sendo assim dotados de uma realidade em que podem “trocar” sua “inferioridade racial” e “superioridade socioeconômica” por uma “superioridade racial” e “inferioridade socioeconômica” dos indivíduos pobres da classe privilegiada. Nesse caso, os brancos.

Telles (2008) ainda estudou os dados matrimoniais brasileiros que revelam que o racismo estrutural da nossa sociedade, o qual desloca os negros para uma classe de cônjuges de baixo “mercado matrimonial”, colocando-os em uma escala de grande desvantagem, exige um conjunto de prerrogativas e contrapartidas compensatórias de ordem econômica para obter um casamento “vantajoso”, e conseguir, dessa forma, competir em pé de igualdade com a típica família brasileira branca, sugerindo assim que a união com alguém da “raça” considerada “inferior” só compensaria no caso de uma ascensão social e segurança financeira. Ou seja, sacrifica-se a branquitude em nome da ascensão social, pura e simplesmente.



A partir dessas estatísticas, chega-se a outro conto de Cuti. Com apenas algumas linhas, sua abordagem é bem significativa no contexto das relações inter-raciais. “In-Cura” fala sobre um casamento, um divórcio e um novo casamento: “Era branca de doer. Mas, como o amor não tem cor, desposou um negro retinto. A dor não passou. Desenlace, divórcio, casório de novo. Loiro de olhos azuis. A dor piorou.” (SILVA,1996, p. 32)

Segundo Fanon (2008), “é utópico procurar saber em que um comportamento desumano se diferencia de outro comportamento desumano” (p. 85). A solidão e dor da personagem não distinguem as raças. O fato é que o autor não insere culpa à cor de nenhum dos personagens pelo ocorrido. Tanto uma relação entre casais homocrômicos ou heterocrômicos podem resultar em um desfecho como o do conto. Nesse sentido, os preconceitos predominantes em algumas narrações de Cuti são demarcados pelo destino ou condições de vida dos negros. O elemento da discriminação acaba sendo caracterizado pela rejeição, pela humilhação, pelo trauma e pela criminalidade, que se enraíza junto à cor, fazendo com que o único destaque que os personagens ganham nos contos seja o de marginal, ladrão, assassino e traficante, em um ciclo vicioso que gera uma eterna conduta de auto exclusão e deprecia a imagem dos protagonistas em constante paroxismo de sofrimento, angústia e trauma.

O conto *Carreto*, por exemplo, narra a história de um jovem, aliás uma criança, que desde cedo trabalha para ajudar nas despesas da casa, pois, como muitos outros, é “movido pela responsabilidade que a pobreza lhes impõe” (SILVA,1996, p. 27), passando por situações de constrangimento e humilhações:

*Ô macaco! Fora daqui, tição apagado!* o feirante grita.  
*Olha o carregador!*...insiste no seu pregão.  
*Hei, vem cá!*alguém intima. E continua: *Dá o carrinho aqui.* É um funcionário da prefeitura (SILVA, 1996, p. 28. Grifos do autor.).

O termo pejorativo “macaco” também é utilizado em outras narrações de Cuti. Sua vertente racista é usada desde a teoria da seleção natural de Darwin (1859) até a atualidade, discorrendo sobre várias formas e justificativas para o uso dessa ofensa depreciativa. Sem pautar esse viés argumentativo, pondera-se aqui a questão exclusivamente pela sua significância discriminatória, que, segundo Leandro Beguoci (2014), dá-se em função de objetivo de animalização do discriminado, o qual dispõe-se na seguinte ordem: primeiramente, ao chamar um negro de macaco, faz-se uma associação entre um humano e um não humano; essa associação é feita principalmente por causa da cor. Ao realizar essa comparação, há a afirmação de que um negro está abaixo da escala da evolução. Portanto, mais uma vez existe a ideia de



que negros são animais, e não humanos, e têm menos direitos que os homens brancos. Dessa forma, o racismo e o preconceito ficam marcados, estigmatizados com uma perspectiva não somente de diminuição social, mas também da cadeia evolutiva, subalternizando-o.

Além disso, lê-se no trecho a crueldade do fiscal, ao recolher o instrumento de trabalho do menino, o qual não tem referência sobre seu nome, sendo tratado apenas como “macaco”, “neguinho”, “preto”, “pivete” e “Pelézico”: “*Pô, a molecada nem pode trabalhar sossegada!... Maior trabalho fazer um carrinho, chegam esses caras e..., resmunga outro colega, sustentando um pedregulho para atirar contra os homens*” (SILVA, 1996, p. 28. Grifos do autor.).

Movido por um torpor de revolta e desespero, por ter um irmão doente em casa, resolve no ímpeto roubar uma bolsa, é pego e vai parar na cadeia “superlotada e fétida. Está entre adultos” (p. 29). A criança negra não é infantilizada desde os primórdios da sociedade brasileira: “a sociedade colonial usurpava da criança negra o direito a infância. Logo que nascia, ela não tinha direito ao leite e aos cuidados maternos” (FARIAS, 2013, p. 51).

Nessa mesma abordagem que retira a criança de sua infantilidade, vemos o conto *Vida em Dívida*. Paulo Roberto, o personagem, passa pelas acusações do personagem Seu Manoel:

*Vais morrer, negrinho!  
Num te fiz nada. Tô pagando o cigarro, num tô?  
Com o dinheiro que me roubaste ontem, malandro! Pensas que não sei?  
Não fui eu.  
Vais dizer que foi a minha mãe, então? A hora que eu sai pra ver o incêndio na Dona Rosane, estavas na esquina, não estavas?  
Mas não roubei nada.  
Já é a segunda vez que me aprontas, moleque! Vou mandar te dar um jeito, pode deixar... Pois não, Dona Maria?...* (SILVA, 1996, p. 46. Grifos do autor.).

Com essas acusações se inicia o conto, que narra a vida de um jovem de quatorze anos que assume a responsabilidade de cuidar dos irmãos e da mãe: “Sai convencido também de suas responsabilidades. É o mais velho dos três filhos. Gosta de sentir-se o homem da casa, já que o pai sumiu desde o nascimento da irmã” (SILVA, 1996, p. 47). Porém, o personagem se vê tão acuado diante da situação que decide fugir para não ser responsabilizado pelo furto. Paulinho deixava para trás sua família, mas a necessidade de escapar da armadilha de Seu Manoel e da realidade opressiva que vive se tornara maior. Contudo, para a tristeza do protagonista, a sua fuga o salvou e condenou o seu irmão mais novo, que foi alvejado em seu lugar, sem a chance de defesa, tornando-se mais uma vítima da cultura discriminatória que atinge o jovem negro:





Filhos de rato! Fodo-os! Só servem pra pedir. Ou então roubar. Fodo-os todos! Vão roubar o diabo, se quiserem! Com esse pensamento seu Manoel fecha o estabelecimento bem mais cedo, desculpando-se dos que tardam no aperitivo (SILVA, 1996, p. 46)

Com esse pensamento, o personagem Seu Manoel utiliza-se da metonímia discriminatória ao se referir aos negros, tentando julgar a parte pelo todo, ao menos a parte que ele acusa de ser culpada, fazendo uma completa zoomorfização da população afro-brasileira, referindo-se aos negros como ratos, retratando-os como animais sujos.

Nessa altura, é necessário comparar a narração de intolerância racial de Cuti contida neste conto com o início da eugenia no Brasil. No início de século XX, os negros eram considerados um problema de saúde pública e saneamento básico, a partir da interpretação eugenista de um movimento de médicos sanitaristas que, a posteriori, os historiadores batizaram de higienismo. Segundo Renato Kehl (1920), a Sociedade Eugênica de São Paulo tinha como propósito principal promover a modernidade cultural, dissimulando assim uma eugenia ou faxina étnica que parecia não ser tão preconceituosa no início, ao menos em termos discursivos. Ao ver de Stepan (2004), era interpretada simplesmente como um novo ramo de higiene, baseando-se nas ciências sanitaristas. O que não se esperava é que a eugenia brasileira estivesse camuflada nesse meio e ainda ganhando força e adeptos para a seleção de uma nova raça, pura e superior: “A sociedade humana contra os fatores de degeneração, controlando os casamentos, evitando o matrimônio entre tarados e degenerados, vulgarizando e aplicando conhecimentos necessários à proteção individual e racial” (KEHL, 1935, p.17).

O primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia foi realizado em 1929, e propôs o seu ideal eugênico da seguinte forma:

Durante muito tempo, [...] supôs-se que o meio dominava os organismos, portanto a medicina e a higiene resolveriam o problema de saúde; mas a ciência demonstrou haver alguma coisa que independe da higiene: é a semente, a herança, que depende da eugenia (PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA: ATAS E TRABALHOS, 1929, p. 11).

Assim como Seu Manoel, personagem do conto, discrimina a população afro-brasileira como um todo, os eugenistas visavam e apontavam todos os negros como um problema de saúde pública, que precisava ser erradicado, erradicação que perde força após o projeto eugenista/nazista alemão culminar no Holocausto. No conto “Dupla Culpa”, a narrativa tem um trecho em que fica explícito como a violência aborda o afrodescendente em seu dia a dia:



*Mão na cabeça todo mundo! Encostado no muro! Gritavam os investigadores. Houve a revista. Cândido tremeu quando um tira colocou a mão no bolso dele e tirou um pacau de maconha, que ali nunca estivera antes. Um peso violento sobre a nuca, um puxão pelo colarinho. Foi arremessado contra a viatura. Fumeta! Vai explicar onde conseguiu isso. Guarda o neguinho lá dentro! Quis gritar: Não tenho nada com isso. Nunca usei droga. Você colocou isso no meu bolso... mas o grito não saiu. Assim, como tantos outros, ficou retido num novelo de angústia bem dentro de si (SILVA,1996, p. 74. Grifos do autor.).*

Nesse texto, a violência se manifesta de diferentes formas. Existe o abuso do poder, a agressão física, a injúria racial e a criminalização, atitudes advindas do preconceito que é construído socialmente. Adorno (1950) explica que a segregação e a discriminação decorrentes das autoridades são sustentadas pelo racismo e o que oportuniza isso é a condição de subalternidade e de inferioridade que o articulador dessas expressões e atitudes julga como uma manifestação de identificação do inimigo ou classe inferiorizada por uma personalidade autoritária, como é o caso demonstrado no conto. Em outros termos, o fenômeno ocorre quando o oprimido identifica-se com o opressor, a ponto de desejar igual poder. Segundo Pinheiro:

durante toda república no Brasil, as práticas repressivas dos aparelhos de estado e das classes dominantes estiveram caracterizadas por um alto nível de legalidade, independentemente da vigência ou não das garantias constitucionais. Para os pobres, miseráveis e indigentes que sempre constituíram a maioria da população podemos falar de um ininterrupto regime de exceção paralelo sobrevivendo às formas de regime, autoritário e constitucional (PINHEIRO, 1991, p. 48).

Um trecho da narrativa que confirma esse enfoque de Pinheiro é o último parágrafo do conto: “Uma sirene rasga o ar em sua direção. A luz do holofote projeta-se sobre ele. Quer correr, mas num ímpeto salta o muro de uma casa e cai sobre a relva com um tiro na nuca” (SILVA, 1996, p. 75). O protagonista era culpado de um crime, porém o fato de tentar fugir estabeleceu a sua sentença de culpa e de morte. O preconceito, portanto, é um fantasma do qual não se escapa, pois atravessa o tecido social de ponta a ponta, trama por trama, deixando apenas poucas oportunidades de escape às vítimas desse atroz mecanismo social de violência e exclusão.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conceição Evaristo (2010), em seu artigo *Literatura e educação segundo uma perspectiva afro-brasileira*, explica que, ao se pensar em educação, supõe-se que o ensino não seria fundamentado no padrão dominante da cultura hegemônica, para que no parâmetro ensino-aprendizagem se incluía a necessidade contemplar a diversidade étnico-racial, a fim de que não haja nenhum tipo de exclusão. Nessa passagem, a autora chama atenção para a desumanização dos escravos, o que deixa o personagem extremamente abatido, humilhado e fragilizado. Sua revolta é expressa por pensamentos violentos, os quais são amenizados por essa fuga da sala de aula, caracterizando uma incidência apontada nas pesquisas como uma vulnerabilidade para evasão escolar:

[...] Nos últimos anos, alguns estudos têm demonstrado que o acesso e a permanência bem sucedida na escola variam de acordo com a raça/etnia da população. Ao analisar as trajetórias escolares dos negros as pesquisas revelam que estas se apresentam bem mais acidentadas do que as percorridas pelos alunos brancos. O índice de reprovação nas instituições públicas também demonstra que há uma estreita relação entre educação escolar e as desigualdades raciais na sociedade brasileira. [...] É preciso considerar que a escola brasileira, com sua estrutura rígida, encontra-se inadequada à população negra e pobre deste país. Nesse sentido, não há como negar o quanto o seu caráter é excludente (GOMES, 2001, p. 85).

Por mais que não haja nos contos de Cuti uma menção explícita à evasão escolar, subentende-se a situação excludente pelas quais os afrodescendentes se deparam diante de um padrão de ensino com déficit da educação, falta de recursos materiais e ainda com abordagens que causam uma agressão simbólica ao corpo físico e cultural do negro. Tendo como objetivo, portanto, realizar uma análise da fala e dos termos preconceituosos na obra *Negros em Contos* (1996), de Luís Silva, cujo pseudônimo literário é Cuti, conclui-se que, no que tange ao assunto em questão, tanto a obra citada quanto às produções utilizadas para reafirmar e evidenciar a discriminação contida no eu enunciativo negro são capazes de contribuir para o surgimento de uma reflexão e conscientização sobre a avaliação que a sociedade faz quanto a uma escala de valores, em que se pressupõe a identidade negra vinculada, de partida, a uma atroz desigualdade e intolerância, enquanto grupo marginalizado socialmente. Portanto, os textos trabalhados aqui são utilizados como uma proposta de reflexão capaz de sensibilizar a sociedade para as diferenças que fazem parte da realidade e da vivência dos afrodescendentes no Brasil:



A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre a sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (LOBO, 2007, p. 266)

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor *et al.* *The authoritarian personality*. New York: Harper and Brothers, 1950.
- ARRAES, Jarid. A carne mais exótica do mercado. **Blogueiras negras**. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2013/07/22/a-carne-mais-exotica-do-mercado/>> Acesso em: 25 set. 2017.
- BARROS, Luiza. Pela primeira vez no Brasil, buscas no Google por cabelo cacheado superam as por cabelo liso. In: O Globo. 8 de agosto de 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/beleza/pela-primeira-vez-no-brasil-buscas-no-google-por-cabelo-cacheado-superam-as-por-cabelo-liso-21683014>. Acesso em 28 set. 2017.
- BEGUOCI, Leandro. Porque chamar negro de macaco é racismo? 07 de setembro de 2014. **Geledés**. Disponível em: <https://por-que-chamar-negro-de-macaco-e-racismo/>. Acesso em 17 set. 2017.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Trad. Marcus Mazzari. São Paulo: Summus, 1985.
- BENJAMIN, Walter. *Conto e cura*. In: BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. Tradução de Rubens Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. Vol. II.
- BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- BOSI, Alfredo. A escrita e os excluídos. In: BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Ática, 2002.p. 257- 269.
- CAVALLEIRO, Eliane. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.
- CLEAVER, Kathleen. RBG-Why we wear our hair like this 1968, Kathleen Cleaver of the BPP Breaks it Down. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SUdHf6nqL9U>. Acesso em 24 mai. 2017.



- CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA. Rio de Janeiro, 1929. Actas e trabalhos. Rio de Janeiro: s. n., 1929. v.1. 342 p.
- DUARTE, Eduardo Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. In: **Terra roxa e outras terras** - Revista de estudos literários, Vol. 17, 2009.
- EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. **Scripta**. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.
- FARIAS, Mabel. Infância e educação no Brasil nascente. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de (Org.). *Educação da infância: história e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 33-48.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FIGUEIREDO, Eurídice; GONÇALVES, Ana Beatriz Rodrigues; PESSANHA, Márcia de Jesus; CAMPOS, Maria Consuelo. Negritude, negrismo, literaturas afrodescendentes. In: FIGUEIREDO, Eurídice. *Conceitos de literatura e cultura*. 2a. ed. Rio de Janeiro: EdUFF, 2010, p. 313- 339.
- FIGUEIREDO, Isabela. *Caderno de memórias coloniais*. 4a. ed. Coimbra: AngelusNovus, 2010.
- FREUD, Sigmund. Fixação em traumas: o inconsciente. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas*. Tradução de José Luis Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVI.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.
- FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. 3. Ed. Rio de Janeiro, 1974.
- GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade: In: CAVALLEIRO, Eliane. *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: São Luiz, 2001.
- KHEL, Renato; LOBATO, Monteiro. *Eugenia e medicina social*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1920.
- KHEL, Renato; LOBATO, Monteiro. *Lições de eugenia*. Rio de Janeiro: Canton&Reile, 1935.
- KLOPPENBURG, Boaventura. *Ensaio de uma nova posição pastoral perante a umbanda*. Revista Eclesiástica Brasileira, 1968, pp. 825-831.
- LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. 7a. ed. São Paulo. Brasiliense, 1956.
- LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. 2 ed. revista Rio de Janeiro: Garamond, 2007.



- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MOUTINHO, Laura. "Raça", sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul. **Cadernos Pagu** [online]. 2004, n.23, pp.55-88.
- PASSOS, Walter. Escravidão e reprodução: a mulher preta e o estupro. Disponível em <<http://cnnbca.blospot.com.br/2014/06/escravidao-e-reproducao-mulher-preta-e.html/>> Acesso em: 25 set. 2017.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Autoritarismo e transição*. Revista USP, São Paulo 9 (mar.-mai.,1991): 168-79.
- PINTO, Neusa Baptista. *Cabelo ruim?* Ilustrações de Nara Silver. Cuiabá: Tanta Tinta, 2007.
- RIBEIRO, Weudson. A hipersexualização do corpo do homem negro, a face “aceita” do racismo. **Socialista morena. Jornalismo anticapitalista**. 30 de abril de 2017. Disponível em: <http://www.socialistamorena.com.br/a-hipersexualizacao-do-corpo-do-homem-negro/>. Acesso em 17 set. 2017.
- RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro*. Rio de Janeiro: Grafhia, 2001.
- RUFATTO, Luiz. *Questão de pele*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.
- SILVA, Luís. *Negros em contos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1996.
- TAYLOR, Charles. *Multiculturalisme. Différence et démocratie*. Paris: Flammarion, 1994.
- TELLES, Edward Eric. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Michigan: Relume Dumará, 2008.